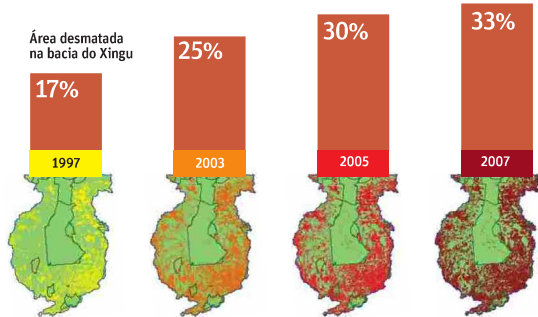
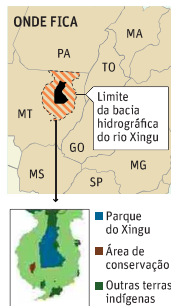


ILHA VERDE

Parque do Xingu mantém vegetação em meio a cidades, usinas hidrelétricas e lavouras de soja



XINGU sob pressão

Aos 50 anos, parque onde vivem quase 6.000 índios vive 'ilha verde' cercada por desmatamento

Ikpeng, 39, da etnia icpengu. Para ele, as mudanças já são perceptíveis na aldeia em que vive, no Médio Xingu.

"Antes, a gente via os peixes no fundo do rio. Hoje, os [rios] formadores do Xingu estão arenosos. O desmatamento também afetou a caça, cada dia mais difícil", diz.

O índio caiabi Pikuruk Kayabi, 29, diz que as divisas do parque foram no início fixadas sobre áreas de mata fechada. Hoje "é floresta de um lado, pasto do outro".

A área das cabeceiras do Xingu chegou a ser incluída em uma categoria de proteção na proposta do zoneamento ambiental do Estado.

Na Assembleia Legislativa, porém, a bancada ruralista aprovou um substitutivo que considera a região como

uma "área consolidada com predomínio de agricultura".

O desmate e a degradação dos rios, aliados a um crescimento da população indígena acima da média nas últimas décadas, formam um cenário de insegurança alimentar, diz a Unifesp (Universidade Federal de São Paulo), que desde 1965 tem um programa de atendimento à saúde no Xingu.

Segundo a entidade, as terras para a agricultura tradicional foram reduzidas, fazendo com que seja cada vez mais difícil obter alimentos.

REDES SOCIAIS

Os desafios não se limitam à esfera ambiental, diz Awasi Kaiabi, 31, diretor de uma escola no Baixo Xingu. Com 75% da população

com menos de 30 anos, o local vive um conflito de gerações, conta ele.

"Os mais velhos querem preservar a cultura e são contra a entrada de coisas dos brancos. Já os jovens querem trazer novidades."

Além de antenas parabólicas, o universo tecnológico dos xinguanos já inclui computadores, sistemas de bate-papo via internet e a participação em redes sociais.

Awasi diz não ser contra a modernidade e afirma que o currículo da escola que dirige inclui informática.

"Há 50 anos, o parque estava isolado. Hoje, os brancos são nossos vizinhos. O que mais ensinamos a nossos alunos são noções de sobrevivência, como índios, nessa situação."

RODRIGO VARGAS DE CUIABÁ

Criado em abril de 1961, o parque indígena do Xingu completa 50 anos com a maior parte de seus 2,8 milhões de hectares praticamente intactos, mas cercados por áreas de desmatamento por todos os lados.

Imagens de satélite mostram que o parque, com quase 6.000 índios de 16 etnias, vem assumindo cada vez mais as feições de uma "ilha verde" — em torno da qual surgem várias frentes de expansão urbana e agropecuária.

Na lista de 43 municípios que mais desmatam a Amazônia, 7 fazem divisa com o parque. Entre 2000 e 2007, segundo o ISA (Instituto Socioambiental), área equivalente à de Alagoas foi desmatada na porção Mato-Grossense da bacia do rio Xingu. Essa região fora do parque abriga 6,5 milhões de cabeças de gado, mais de 30% das áreas de soja em Mato Grosso e já atrai interesse por seu potencial hidrelétrico. Nos últimos cinco anos, de acordo com a Secretaria Estadual do Meio Ambiente, quatro pequenas usinas foram licenciadas.

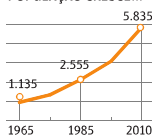
ESPRESSIMOS

Como a demarcação do parque indígena não incluiu nascentes dos principais rios, os índios são afetados por transformações do entorno. E dizem temer o futuro. "Estamos espremeidos e apavorados", diz Korotowi

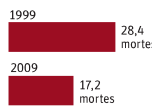
RAIO-X

A população indígena no parque do Xingu

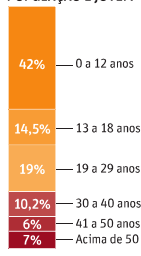
POPULAÇÃO CRESCER...



...A MORTALIDADE INFANTIL DIMINUI*



POPULAÇÃO É JOVEM



> FOCO



Índios do parque do Xingu na década de 70; foto integrada mostra em SP sobre região

Exposição fotográfica mostra rotina na região nos anos 70

DE CUIABÁ

Quando ajudaram a demarcar os limites do Xingu, os irmãos indigenistas Orlando, Cláudio e Leonardo Villas Boas — apontados como "pais do parque" — já previam que as terras da região seriam alvo de intensa cobrança e que o refúgio dos índios poderia se tornar uma "ilha".

A opinião é do jornalista e fotógrafo Valdir Zwetsch, 64, que esteve por três vezes na região na década de 1970 para acompanhar o trabalho dos indigenistas e ritos fundamentais para os povos.

"Ao batalhar pela demarcação do território e pela preservação dos índios, os Villas-Boas sabiam que, se isso não ocorresse, o destino da

quela região seria se transformar em imensas fazendas de soja e de gado" diz.

Hoje editor-chefe do jornal da Band, Zwetsch foi ao Xingu como repórter das revistas "O Cruzeiro", em 1972, e "Realidade", em 1973 e 1974.

O acervo desse trabalho foi selecionado e restaurado para a mostra Nu Xingu, que até 20 de abril reúne 29 fotos na Galeria de Arte da Unicamp, em Campinas (SP). (RV)

Mais imagens da exposição folha.com.br/fg2642

TODA MÍDIA

NELSON DE SÁ

nelsonsa@uol.com.br

O novo poder

O "New York Times" não dá uma linha sobre a cúpula Brics, mas o Drudge Report abriu manchete ao longo do dia, em maiúsculas, para a "Ascensão do novo poder mundial (sem os EUA)". Linkou longo despacho da Associated Press, intitulado "Emergentes têm momento divisor de águas em cúpula". Ouve Esvar Prasad, da Universidade Cornell, para quem a prioridade dos Brics agora é lançar "ideias na mesa em vez de só reagir às propostas das economias avançadas". A agência avalia que o grupo pode "emergir como nova força nas questões mundiais".

E a "Foreign Policy" postou "Uma breve história" dos Brics. Abre com a eleição de Fernando Collor e seu "impulso à privatização", salta FHC e destaca Lula diversas vezes — ele que "iniciou um período de prosperidade econômica sem precedentes".

Na China O jornais estatais chineses abriram cobertura extensiva da cúpula Brics, com sites especiais. Também o canal de notícias CNTV, com entrevistas com "delegados" dos cinco países e foco em negócios — ouvindo, entre outros, o presidente da Associação Internacional de Comércio da China e o presidente da Câmara de Comércio Brasil-China, Charles Tang, sobre Brics.

Na Rússia A mídia russa está concentrada no eventual confronto eleitoral entre o presidente Dmitri Medvedev e o primeiro-ministro Vladimir Putin, ambos se dizendo candidatos. Mas o canal de notícias Russia Today destaca a "voz mais forte" dos Brics, que "lutam batalhas que podem ser vencidas no mercado global" enquanto "velhas potências gastam dinheiro na Líbia".

// DOHA MORREU

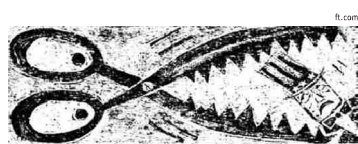
Na Reuters, o representante comercial dos EUA, Ron Kirk, cobrou que China, Índia e Brasil "abram seus mercados a mais produtos e serviços estrangeiros", dizendo que a Rodada Doha "depende" deles.

A agência indiana PTI despachou que "Doha está à beira do colapso", pois os EUA querem que os três "cortem tarifas de produtos químicos, industriais, elétricos e eletrônicos para zero", o que "rejeitam terminantemente". Um "enviado sul-americano" diz que "é hora de reconhecer: a Rodada Doha morreu".

Também via PTI, os cinco Brics, ontem na cúpula chinesa, "concordaram em coordenar suas posições nos fóruns multilaterais, inclusive o G20, para defender os interesses dos países em desenvolvimento".



» TROCA Ontem na capa do "FT", em foto ao lado da manchete "EUA não têm credibilidade na dívida, diz FMI", Dilma, Hu Jintao e o embaixador "Nova guarda: presidente do Brasil visita China"



// "AMÉRICA QUEBRADA"

Na manchete on-line do "NYT", "Obama urge cortes e impostos sobre ricos" para reduzir o déficit. No "Wall Street Journal", a manchete foi seguida, logo abaixo, pela imediata recusa de "barganha" pelo republicano Paul Ryan, que lançou plano com mais cortes.

No "FT", o colunista Martin Wolf, com a ilustração acima, escreve em tom de alerta sobre "A direita radical e o Estado americano". Crítica a "ascensão do libertarismo" representado

por Ryan e seu plano, que avalia ser impraticável. Diz que até a "função de defesa entraria em colapso".

Já a "Economist", que havia elogiado o plano "simples" do republicano, criticou a "eficácia obscura" da proposta de Obama. Na home, fala em "América quebrada" — e diz que a crítica do FMI aos EUA buscou "acabar com a complacência" dos que pensam ser "inconcebível que o país sofra destino similar ao de Portugal e Grécia".

// FOXCONN EM DÚVIDA

Em blogs, tanto "WSJ" como "FT" questionaram ontem a firmeza da Foxconn no propósito de investir US\$ 12 bilhões para se estabelecer no Brasil.

Sob o título "Quanto a Foxconn gosta do Brasil?", o primeiro diz que o valor "é alto demais". E cita entrevista de seis meses atrás, em que o presidente da empre-

sa, Terry Gou, reclamou dos "salários altos" e que os operários brasileiros, "assim que ouvem 'futebol', param de trabalhar".

No post "Foxconn realmente comprometida com o Brasil?", o segundo diz que Gou, mais até do que "levar uma fábrica à perfeição, é ainda melhor em extrair incentivos de governo".